

# *Mnemosyne kai Sophia*

José Augusto Ramos  
Nuno Simões Rodrigues (coords.)

## RETÓRICA E SABEDORIA: O IDEAL DA *ENKYKLIOS PAIDEIA* NO HUMANISMO DO RENASCIMENTO

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES  
Universidade de Coimbra

*Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra*

Defensores da cultura enciclopédica e artistas da palavra, foram os sofistas do século V a. C. que chamaram a atenção para a grande importância da educação humana, da formação retórica, apoiada num *curriculum* alargado de disciplinas. Grande foi o seu mérito, não só no plano pedagógico e educativo, como ainda no desenvolvimento da arte oratória, designadamente no que se refere aos fundamentos da lógica e à elaboração dos processos de logomaquia<sup>1</sup>.

A partir destes pensadores e profissionais do ensino, a temática educativa ganha actualidade, sendo retomada e desenvolvida pelos autores do século IV, que lhe fornecem uma base teórica, e sobretudo ainda pelos da época helenística, em que se define o ideal da *enkyklios paideia*. O legado da cultura grega no mundo romano e o génio da sua reelaboração nos autores latinos, da República ao Império, que a Patrística assimila, deixaram marcas indeléveis na cultura ocidental, de que o Humanismo Renascentista é o afloramento mais expressivo.

No Renascimento, o saber clássico é essencialmente fruto da instituição docente e os principais representantes do Humanismo europeu são, em grande parte, indissociáveis da história da pedagogia. São os primeiros humanistas italianos, empenhados na vida pública das suas cidades e na formação integral dos concidadãos, que impõem ao mundo culto os padrões da educação moderna. O novo *curriculum*, alargado à história, à poesia, à ética e às artes da pintura, escultura, arquitectura e desenho, figura já no *Panepistemon* de Angelo Poliziano<sup>2</sup> – mestre de humanistas portugueses, bolseiros de D. João II.

Ao Príncipe Perfeito se deve a vinda de Itália para Portugal de Cataldo Parísio Sículo, que será educador de D. Jorge, filho bastardo do rei, e de um número significativo de nobres, em que avultam D. Pedro de Meneses e D. Leonor de Noronha, filhos do Marquês de Vila Real, seus discípulos dilectos<sup>3</sup>. O ensino da gramática, que incluía a retórica e a poética, centrado no estudo

---

<sup>1</sup> Vide e.g. Guthrie (1969).

<sup>2</sup> Cf. Scaglione (1961) 49-70.

<sup>3</sup> Não era Cataldo dado a branduras, nem a facilidades. A D. João II se queixa do filho travesso, as travessuras da sua idade, ou lhe recomenda – receoso, por certo, das múltiplas distrações do paço, ou mesmo das preferências do seu jovem discípulo pela leitura assídua dos *Amores* de Ovídio – que olhe pelo cumprimento das suas tarefas escolares, nada menos do que a tradução de uns cem versos de Horácio por dia. Cf. *Poemata*, o vij vº.

dos autores latinos, no original, recorria ao uso da memória como basilar no aperfeiçoamento do discurso retórico.

Diferentes correntes filosóficas se difundem a partir do *Quattrocento*, com incidência directa na argumentação discursiva, em que se afirma o ideal retórico da *latinitas*, no sentido da valorização da palavra. Além do aristotelismo e do platonismo, a partir sobretudo das traduções latinas de Leonardo Bruni e Marsilio Ficino, impõe-se o estoicismo desde Petrarca, com a influência de Séneca e a tradução do *Manual* de Epicteto feita por Poliziano.

Se os neo-aristotélicos valorizam o papel da lógica e dos silogismos, os ramistas defendem o «método» na argumentação, inspirados em Platão, designadamente na discussão da *diaeresis*, no *Fedro* (265e) e no *Sofista* (218b). O silogismo, apoiado em *exempla*, fornecia assim aos neo-aristotélicos uma contrapartida aos «lugares comuns» defendidos pelos ramistas. O neo-estoicismo, por seu lado, manifestava uma acentuada preferência pelo estilo sentencioso de cariz moralizante.

Em Portugal, no Colégio das Artes, como no Colégio da Guiena, em Bordéus, se adopta o manual *Praeceptiones dialecticae* (Paris, F. Morel, 1557) do aristotélico Nicolas de Grouchy – um dos mestres bordaleses, professor de Montaigne, que vem ensinar para Coimbra com André de Gouveia, em 1548, e é o tradutor para francês da *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses* de Fernão Lopes de Castanheda. Este manual de Grouchy, único usado no Colégio de Bordéus<sup>4</sup>, é uma sequência de silogismos que ilustram virtudes morais, com *exempla* retirados da *Ética a Nicómaco*, o mais platónico dos livros aristotélicos. Em Coimbra, para servir de apoio aos seus cursos, Grouchy traduz um dos dois livros do *Organon*, que Aristóteles dedica ao silogismo, os *Segundos Analíticos*, conhecido na época por *Aristotelis de demonstratione* (Paris, M. Vascosan, 1554).

A prática de uma arte da memória, a que dera o primeiro impulso o poeta grego do século VI a. C., Simónides de Céos<sup>5</sup> – a quem se deve a definição, de tão grande fortuna, «a pintura é poesia muda, a poesia imagem que fala» – torna-se basilar na pedagogia e na formação retórica dos autores deste período, quer em língua latina, quer em vernáculo.

Já no período helenístico do mundo greco-romano, sobretudo a partir do século I d. C., as escolas de gramática e de retórica concediam grande importância aos *Progymnasmata*, exercícios preliminares de composição, capazes de exemplificar, pelas suas virtualidades de aplicação concreta, os

---

<sup>4</sup> Vide Hoffmann (1991) 45-60.

<sup>5</sup> Simónides de Céos é a mais antiga fonte que se conhece relativamente à prática de uma arte da memória. Cf. Simondon (1982), em especial 181-190; Yates (1975).

vários géneros de discurso retórico e os valores éticos e pedagógicos do mundo antigo<sup>6</sup>. Os teorizadores desta época, que denunciam uma relação íntima entre o emprego corrente destas formas literárias e a cultura da segunda sofística, têm ampla recepção no Renascimento, em autores como Rudolfo Agrícola – tradutor dos *Progymnasmata* de Aftónio –, Erasmo e Guillaume Budé<sup>7</sup>. Semelhante implicação recíproca existe também entre a *paideia* humanista e o recurso permanente à citação clássica, veículo de valores culturais, ético-políticos e estéticos da Antiguidade<sup>8</sup>. Acresce ainda o sentido da *auctoritas*, que no discurso humanista pesa por vezes mais do que a originalidade e o engenho do conceito.

A crença no valor do *exemplum*, que na sua concisão e brevidade é mais eficaz do que a longa explanação da doutrina – *longum iter est per praecepta, breue et efficax per exemplum*<sup>9</sup> –, no dizer de Séneca, exprime de modo eloquente a função estilística e conceptual das formas literárias de carácter sapiencial e sentencioso, dos *loci communes*, os «lugares comuns», que abrangem a *gnome*, ou sentença propriamente dita, o *apotegma*, o provérbio, o aforismo, que são a expressão anónima da sabedoria com aplicação universal, e ainda a *cria*, a história, a anedota, que veiculam os ditos e/ ou os feitos de determinada figura ou personagem ilustre<sup>10</sup>.

A fluidez semântica existente entre estas formas, caracterizadas por uma perfeita articulação linguística, literária e conceptual manifesta-se nos autores renascentistas, que buscam a novidade do seu discurso através de uma verdadeira *contaminatio* paremiológica<sup>11</sup>.

Notável é o afã pedagógico de Erasmo, discípulo do primeiro humanismo italiano, sobretudo da filologia de Valla e Poliziano, e ainda de Rudolfo Agrícola, autores que muito contribuíram para a valorização da retórica, que está na base da verdadeira *renascità* humanista<sup>12</sup>. Repetidamente Erasmo

<sup>6</sup> Newlands (1986) 29-40.

<sup>7</sup> Vide Kennedy (1980); Jardine (1988), em especial 48 e sqq.

<sup>8</sup> Vide Chomarat (1981), maxime cap. I, «Les auteurs et le style», 394-449; cap. V, «Le style et l'art d'écrire», 711-843.

<sup>9</sup> Cf. Sen. *Ep.* 1.6. 5); e ainda Quint., *Inst.* 12.2. 30 e 12.10. 48.

<sup>10</sup> Vide Meleuc (1969) 69-99. Os limites destas formas literárias, quanto ao conteúdo e à formulação, são pouco nítidos. Vide e. g. Arist. *Rh.* 2.21. 2; *Rhetorica ad Herennium*, 4.17. 24 e Quint. *Inst.* 8.5. 3. Cf. ainda Lausberg (19722) 237 §398.

<sup>11</sup> A este propósito, veja-se a análise do *De duplici copia uerborum et rerum* por Chomarat (1981) 735 e sqq., maxime 748-752.

<sup>12</sup> Vide in Erasmo, *Opera omnia*, ed. J. Leclerc, Leiden, 1703 (tradicionalmente citados com a sigla *LB*), as obras em que é manifesta a preocupação de defender as *humaniores litterae* contra a *barbaries*: a *Paraphrasis Elegantiarum linguae latinae* de Valla, o *De copia rerum ac uerborum*, o *De conscribendis epistolis*, os *Antibarbarorum libri*, a *Adagiorum Collectanea*; o *Apophthegmatum opus*, as *Familiarium colloquiorum formulae*. Conhecida é a influência, no pensamento de Erasmo: de Valla, a quem se devem as *Disputationes dialecticae* e as *Elegantiae linguae latinae*; Poliziano

afirma o valor dos *exempla*, das *sententiae* na formação retórica e na educação moral. Na carta a Lord Montjoy, que serve de prefácio à edição parisiense dos *Adagia*, o humanista afirma mesmo que é nos adágios, nas sentenças, nos apotegmas e nos provérbios que se encontram as principais fontes e os principais atractivos do discurso. Invoca o modelo moderno, oferecido pelo *Liber Miscellaneorum* de Poliziano, e adverte para o facto de os textos sagrados serem também campo favorável à colheita de fórmulas sentenciosas. Conclui, finalmente, que nestas fórmulas se contém algo de divino e adequado às coisas celestes<sup>13</sup>.

A *mimesis* estética e cultural dos autores clássicos, da sua sabedoria lapidar, considerada *uox uniuersalis*, era favorecida pela memorização de *loci communes*, de *sententiae*, de *exempla*<sup>14</sup>. Desde a escola da Reforma, em Estrasburgo, dirigida por Johan Sturm<sup>15</sup>, à Schola Aquitanica de Bordéus<sup>16</sup>, cuja *ratio studiorum*, publicada por Elias Vinet, é da autoria de André de Gouveia – que de França viria fundar o Colégio das Artes em 1548 –, sem esquecer as escolas dos Jesuítas<sup>17</sup>, por toda a Europa se cultivam e adestram os alunos na *latinitas*, através de recolha de sentenças e fórmulas de dizer. Era a lição de Séneca e Quintiliano, acolhida pela pedagogia humanista<sup>18</sup>. Estas expressões colhidas nos bons autores, anotadas em edições escolares – preparadas para o registo interlinear<sup>19</sup> – ou simplesmente

---

– mestre de prestigiadas figuras do primeiro humanismo português –, autor de um *Liber Miscellaneorum*, modelo moderno da literatura de carácter sentencioso; Rudolfo Agrícola, autor de obras como *De inuentione dialectica*, *De formando studio*, *De usu locorum communium*.

<sup>13</sup> Allen, Allen, Garrod (1967) 264-271.

<sup>14</sup> Sobre a importância atribuída pelos pedagogos humanistas, e entre eles Melancthon, «o educador da Germânia», aos *Libri locorum rerum*, vide Porteau (1935) 182-184.

<sup>15</sup> Sobre J. Sturm, reformador do Ginásio de Estrasburgo e autor de uma vasta obra pedagógica e de um famoso tratado *De literarum ludis recte aperiendis (1538)*, vide Mesnard (1966) 200-219. A propósito desta prática pedagógica, vide p. 211: «The pupil will be invited to try to draft short separate sentences, corresponding to a well-determined experience».

<sup>16</sup> Vide *Schola Aquitanica. Regulamento de estudos de André de Gouveia, publicado em Bordéus por E. Vinet*, em Carvalho (1941). Sabe-se que, em 1578, o impressor de Bordéus, Millanges, imprimiu livros com espaços interlineares, de Cícero, de Virgílio e de Ovídio, para as classes do Colégio da Guiena. Cf. Dainville (1940) 112. Sobre os métodos de ensino em França, no que respeita à formação retórica, vide Grafton (1981) 37-70.

<sup>17</sup> Vide e. g. o tratado do jesuíta, professor em Coimbra, Pedro Perpilhão, *De ratione liberorum instituendorum literis Graecis et Latinis* (1565), capítulo VII, que recomenda o uso de edições adequadas à anotação interlinear: *Petri Ioannis Perpiniani Soc. Iesu aliquot epistolae*, Paris, 1683, 120.

<sup>18</sup> Cf. Sen. *Ep.* 33.7 e Quint. 1.9, 3). Entre os pedagogos humanistas, vide Erasmo, *De duplici copia*, (*LB*, I, 100-101) e Luis Vives, *Introductio ad sapientiam* e *Epistola II de ratione studii puerilis*, in *Opera omnia*, Valencia, 1782 (I, 14 e 272-273).

<sup>19</sup> A inovação deve-se ao impressor Grapheus, ao publicar uma edição dos *Diálogos* de Luciano (*Luciani dialogi aliquot...*, Anvers, 1527) com espaços deixados em branco para as anotações dos alunos. Sobre a funcionalidade deste expediente (vide fº 1 vº). Cf. sobre a divulgação da obra de Luciano, com fins didácticos, Lauvergnat-Gagnière (1988) 66 e sqq. Cf. ainda sobre a utilidade do *chirographarium* Pendergrass, (1990) *ep.* 79.

em bloco de apontamentos sistematizados, segundo os diversos temas, o *chirographarium*, permitiam um enriquecimento da *inuentio* e da *elocutio* e constituíam um *corpus*, que era já um esboço de futuras colectâneas.

Também entre nós os pedagogos humanistas Cataldo, Clenardo, Vaseu, Diogo Sigeu, Jerónimo Cardoso, Juan Fernandez, merecem ser referidos pelas suas obras destinadas ao ensino e aperfeiçoamento da *latinitas*, pelo recurso à recolha de expressões lapidares dos autores clássicos, verdadeiros *semina dicendi*, que servem de suporte à *inuentio* humanista e estão na base da formação e difusão do cliché. A própria pedagogia conimbricense integrava nos seus *curricula* obras como o *De copia*, os *Adagia* e os *Colloquia*, destinados a oferecerem aos estudantes da latinidade um texto moderno<sup>20</sup>.

A nossa pedagogia afina assim pelo diapasão humanista, no que toca à valorização da palavra, quer através da *elegantia* da língua latina, quer similarmente da língua vulgar<sup>21</sup> – dignificada, desde o *De uulgari eloquentia* de Dante, pelos autores quinhentistas Trissino, Bembo e Sperone Speroni e na sua peugada por diversos autores europeus, de que são exemplo Joachim Du Bellay, em *La deffense et illustration de la langue françoise* e os autores portugueses João de Barros, Fernão de Oliveira e o poeta António Ferreira.

Para a compreensão da problemática literária no século XVI é indispensável considerar a interacção entre prática escolar e prática literária. É, sem dúvida, através dos recursos técnicos da pedagogia da palavra que é possível perceber o mecanismo da escrita, no Renascimento<sup>22</sup>.

Não raras vezes se combina ou se intersecta, no texto literário, a retórica da amplificação, da *uariatio*, própria da eloquência escolar, com o asianismo inspirado da literatura enumerativa, reprodução nostálgica dos modelos do passado, ao gosto da época.

Além disso, a própria formação escolar condiciona não só a escrita, mas a leitura e a recepção do texto literário, que não é apreciado, em si, apenas ou principalmente como criação estética ou forma de divertimento, mas como modelo ou ficheiro de eloquência, destinado à imitação e à reutilização. As informações marginais que as edições registam, acompanhadas de índices temáticos circunstanciados, em que se distinguem as edições frobenianas de Basileia, são secundadas por anotações pessoais, manuscritas pelos leitores da época – às vezes escritores famosos –, que são verdadeiras fontes de invenção e de elocução.

---

<sup>20</sup> Vide Castro Soares (1995) 799-844.

<sup>21</sup> O ideal do Renascimento é a erudição, com recurso à *uariatio*, à *copia*, ou mesmo à *breuitas* estilísticas, a que não é alheio o conceito filológico de *elegantia*, associado na sua etimologia a *eligere*, «escolher» – que Lorenzo Valla definiu nas *Elegantiae linguae latinae* de 1440.

<sup>22</sup> Vide, a este propósito, Lecointe (1993) 621 e sqq.

Percebe-se assim, nos diversos autores, uma preocupação consciente de erudição, senão mesmo, em alguns deles, uma acentuada intenção didáctica, como é o caso expressivo do *Tiers Livre* de Rabelais, que não é somente «un vray Cornucopie de joyeuseté et raillerie», mas uma autêntica *cornucópia* em francês<sup>23</sup>.

Se, no Renascimento, a aquisição de uma competência linguística, capaz de interpretar e assimilar a mensagem das obras da Antiguidade, era considerada indispensável, a tradução assumia também um papel importante como instrumento do saber clássico. Dela se ocupam diversos autores, em França, desde Pierre de Bersuire a Claude Seyssel, Étienne de la Boétie e Amyot; em Espanha, desde Don Alonso de Cartagena a Diego Gracián de Alderete; e em Portugal desde os príncipes de Avis a D. António Pinheiro, Duarte de Resende, Damião de Góis.

Conhecido é o entusiasmo com que Montaigne (II, 4) saúda a tradução das *Oeuvres morales* de Plutarco, que Amyot acabava de publicar – «c'est notre bréviaire»<sup>24</sup>.

A Damião de Góis se devem também palavras de elogio ao papel do tradutor – a propósito da sua tradução, *Da velhice*, do tratado ciceroniano *De senectute* – muito mais louvável do que o trabalho do compilador de sentenças, daquelas «muytas pessoas cobiçosas da gloria», que «fazem remendando e repeçando dictos e sentencias furtadas de hua e d'outra parte, ordenadas sem artificio rethorico»<sup>25</sup>.

À margem do processo criativo, mas com ele intimamente relacionados, os livros de sentenças surgem como textos canónicos, emblemáticos, repositórios de um *immobile continuum*, identificado com a verdade, a tradição e os valores universais, que a arte da palavra, numa adequação perfeita da *res* e dos *uerba* ou, ao modo agostiniano, *da res e dos signa*<sup>26</sup>, põe ao serviço da retórica da persuasão. Este género está representado, entre nós, desde o primeiro humanismo ao seu declinar, com as colectâneas de provérbios, de sentenças, na linha das que nos legou a Antiguidade, de Cataldo, D. Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso – com edição apenas no século XVII –, Diogo de Teive, André Rodrigues de Évora, Diogo Pires, Frei Luís de Granada<sup>27</sup>.

Se nos autores medievais as citações recolhidas nos autores antigos serviam para enroupar o próprio discurso e se adaptavam à nova sequência lógica, num certo desrespeito pelo texto do autor original, a técnica de utilização das fontes, nas obras humanistas, valorizava o texto da autoridade citada,

---

<sup>23</sup> Rabelais, ed. Michel (1962) 65.

<sup>24</sup> Vide, a este propósito, Villey (1912) 13-14.

<sup>25</sup> Vide Bell (1942) 75-76.

<sup>26</sup> Cf. Livro IV do *De doctrina christiana*.

<sup>27</sup> Vide Castro Soares (1993) 377-410.

do ponto de vista retórico, que funcionava como entidade argumentativa e estilística e era ilustrativa, por excelência, da *aemulatio* e *imitatio* humanistas. O autor humanista utilizava mesmo estilemas, reminiscências verbais e, numa espécie de sincretismo, com um hábil trabalho de *intarsio*, que era entalhe e transformação, chegava a novas *iuncturae*, reveladoras da sua bagagem cultural e da sua originalidade<sup>28</sup>.

A tríade educativa, *natura, ars, exercitatio*, que remonta aos pré-socráticos e conhece grande divulgação entre os sofistas e, sobretudo, a partir deles, através de Platão, Aristóteles, Cícero, Quintiliano é a base sólida em que assenta o edifício ideológico da retórica escolar, bem como da criação literária no Renascimento<sup>29</sup>. Todos os tratadistas repetem estas fórmulas, ou suas variantes – entre outras, *ingenium, assiduus usus, disciplina* ou *natura, ars, studium*, e respectivas traduções em vernáculo, de maneira que se podem considerar, desde a Antiguidade clássica, um perfeito *tópos* retórico-literário.

A crença no valor do talento natural, do *ingenium*, da *natura*, não dispensava a cultura adquirida, a arte – a *imitatio*, na expressão da *Rhetorica ad Herennium* – e o exercício, o estudo aturado, princípios tão válidos para o orador como para o poeta, para o discurso em prosa, como em poesia<sup>30</sup>.

A estes postulados se aliava a memória que, segundo Quintiliano, era o primeiro indício dos dotes naturais, na criança<sup>31</sup>.

Isto sem esquecer o acolhimento que teve, no cosmos poético-filosófico do Renascimento, em autores como Boccaccio e Poliziano, a teoria poética de inspiração divina, a cosmologia vitalista, com origem em Píndaro e Demócrito, veiculada sobretudo a partir do comentário ficiniano do *Íon* de Platão<sup>32</sup>. Através da influência da obra de Boccaccio, *De genealogia deorum gentilium libri* (1360, revista em 1374), considerada já a *magna charta* da nova dignidade universal conquistada pelas letras, a teoria das origens da poesia como criação dos deuses encontra reflexos no debate poético da *Écloga Alejo* de Sá de Miranda<sup>33</sup>.

Aliás, importa referir que, tal como na Antiguidade clássica, a poesia renascentista não era inteiramente autónoma de outros géneros literários eruditos, que dependiam do exercício e da cultura. De entre eles, a eloquência, da qual já fora mestre Homero, ao apresentar na *Iliada* e na *Odisseia* paradigmas

<sup>28</sup> Vide Ferrau (1975) 134-135; Reyes (1984) e. g. 43.

<sup>29</sup> Vide, a este propósito, Castro Soares (1994) 422 e sqq.

<sup>30</sup> A *Rhetorica ad Herennium* 1.3 não alude à *natura*, mas enuncia apenas os seguintes princípios *ars, imitatio, exercitatio*. Sobre a importância na criação literária, desta tríade, expressa com fórmulas divergentes dentro de cada autor e de autor para autor, cf. ainda Cic. e.g. *Orat.* 1.25; Quint. *Inst.* 1.3, 1-2; 2.19, 3; Hor. *Ep. ad Pisones* 409-411.

<sup>31</sup> *Inst.* 1.3, 1-2: *Ingenii signum in parvis praecipuum memoria est.*

<sup>32</sup> Marsilio Ficino, *In Platonis Ionem, uel de furore poetico, ad Laurentium Medicem uirum magnanimum Epitomae, in Opera* 2 t., Basileae, 1576: II, 1281-1284.

<sup>33</sup> Alves Osório (1985) 61.



de oradores. Se, desde Platão, Homero é apresentado como modelo perfeito de eloquência é sobretudo na Antiguidade Tardia, designadamente a partir de Quintiliano<sup>34</sup>, que tal ideia se desenvolve e serve de apoio à concepção de poeta, modelo de *copia* e *uarietas*, em que Virgílio, na língua latina, vai ser considerado expoente máximo, sobretudo a partir dos comentários de Macróbio<sup>35</sup>. Além disso, a poesia em si mesma é um género a que não pode faltar a essência erudita, a prática animadora, pelo que não pode conceber-se uma arte poética, por mais genial que seja a natureza humana, sem o apoio da cultura e do exercício.

Esta concepção do poeta, de inspiração clássica, surge de forma acabada da pena auto-reflexiva de Camões, n' *Os Lusíadas* (est. X, 154, v. 5-8): «nem me falta na vida honesto *estudo* / com longa *experiência* misturado, / nem *engenho*, que aqui vereis presente, / cousas que juntas se acham raramente»<sup>36</sup>.

Assim se estabelecia, na arte da escrita, um elo indissolúvel entre inspiração natural e artifício, que arrastava consigo o círculo vicioso da imitação-inovação, verdadeiro calvário da estética renascentista – aspecto que já na Antiguidade preocupara Horácio, que invectiva «os imitadores, rebanho servil» e se atribui, não sem um certo orgulho desmedido, o lugar de *primus*<sup>37</sup>. Curioso é notar que esta exaltação do lugar de *primus* se torna um verdadeiro *topos*, desde a tradição antiga da biografia, no que se refere à invenção, no domínio literário, filosófico, científico ou técnico, de que é herdeira a célebre compilação de Polidoro Virgílio, *De inventoribus rebus libri VIII*.

A complementaridade do ideal enciclopédico e do ideal retórico, no Renascimento, aponta no sentido de uma concepção aristocrática de cultura, a que as cortes europeias da época davam resposta – a começar pelas italianas, por vezes centros de famosas academias.

De acordo com a sensibilidade humanista, o processo formativo do homem, a sua educação integral, privilegia a componente retórica, indispensável à capacidade oratória, à arte da palavra do *homo urbanus*, que se distingue pela *nobilitas morum*, pela cultura, pelo trato e gostos elegantes, tal como preceitua Pontano no *De sermone* e Castiglione em *Il cortegiano*.

Surge assim uma produção de cariz palaciano e cortesanesco, menos séria e dogmática que lança mão dos *salse dicta*, do *iocandi genus*, segundo a designação de Cícero (*Off* 1, 29), e vai ao encontro do ideal do *homo urbanus et facetus* do Renascimento.

Na tradição das *Anedotas memoráveis* de Valério Máximo, das obras de Plutarco, em especial as *Vidas Paralelas*, do livro de Diógenes Laércio, o

<sup>34</sup> *Inst.* 10.1, 46; 12.10, 58 sqq.

<sup>35</sup> *Macr.* 5 (*Opera*, ed. F. Eyssenhardt, Leipzig, 1893, 250).

<sup>36</sup> O sublinhado é nosso.

<sup>37</sup> *Hor. Ep.* 1.19, 19-25; *Carm.* 3.30, 13-14.

nascente humanismo italiano deu um novo impulso a este género literário, em que o *docere* se punha ao serviço do *delectare*, da *iocunditas* literária, com os contos de Boccaccio e o *Liber facetiarum* de Poggio Bracciolini. Conhecida é a recepção destas obras nas literaturas em vulgar – os *Contos e histórias de proveito e exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso manifestam a influência do *Decameron* –, para o que concorre a dimensão axiológica da narrativa, com registos e mundos epistémicos diferentes, em que o romanesco e o divertimento se misturam com a máxima, que é erudição e ensinamento moral, tão ao gosto humanista.

Nos autores do Renascimento, mesmo naqueles cujo estilo segue a *ubertas* ciceroniana e se espraia numa *amplificatio* argumentativa, que é pedagogia e parénese, como é o caso de D. Jerónimo Osório, no *De regis institutione et disciplina*, há um recurso constante ao *exemplum* clássico.

Dirá Francisco de Monçon, um leitor dos *Adagia* de Erasmo, no seu *Libro primero del principe christiano*<sup>38</sup>:

Conviene tambien que algunas vezes los libros de varia erudición y doctrina lleven insertas algunas sentencias oscuras y proverbios antiguos que adornan y dan autoridad a la obra; porque son unos dichos breves, y por metáphoras de propiedades naturales, que dixeron algunos famosos sabios para dar algunos saludables consejos y avisos a los hombres; y por ser de tanto valor y estima quisieron engastarlos en sus obras (como piedras preciosas) los filósofos y doctos varones que les sucedieron, como hizieron Platón, Aristóteles, Plutarcho, Plinio, Cicerón, Quintiliano, Hierónimo y Augustino con las más de las personas que por sabias y doctas celebramos.

É no entanto pelo vigor da *sententia*, conceito e forma lapidares, *cogitati acumen*, ao mesmo tempo *probatio* e *ornatus* – sob a inspiração de Séneca, Tácito e dos autores do período argênteo – que se vai impor um estilo filosófico propriamente humanista e o gosto pelo aticismo, que Erasmo, Budé e a *Dialectique* de 1555 de Pierre de la Ramée testemunham<sup>39</sup>.

Mas, se o estilo sentencioso de Séneca, a que se alia a majestade do de Tácito, definem o triunfo do aticismo, que se sobrepõe à *aetas ciceroniana*, Cícero foi o autor preferido da designada segunda Escolástica, que fornecera argumentos à questão das relações entre retórica e filosofia, bem como, a partir do Concílio de Trento, entre retórica e teologia católica, abrindo caminho à doutrina de Aristóteles e à obra dos *Conimbricenses*.

<sup>38</sup> Francisco de Monçon, *Libro primero del espejo del principe christiano* [...], Lisboa, 1544, fol. 4 rº.

<sup>39</sup> Pierre de La Ramée, na sua *Dialectique* de 1555 (ed. M. Dassonville, Genève, 1964; réimpr. Genève, 1972), confere um importante papel aos lugares comuns e sentenças dos autores antigos, na retórica da invenção. Vide Ong (1963) 207-221; Bruyère (1984) 305 e sqq.; Meerhoff (1988) 270-280.

Apesar das tendências que marcam o sentido da evolução dos gostos estéticos, de que a querela do ciceronianismo é o afloramento mais expressivo, os humanistas perfilham o ecletismo de modelos, o direito à própria autenticidade e diferença, a *multiplex imitatio*, exemplificada no símile lucreciano – recolhido por Sêneca (*Ep.* 65) e pelo primeiro humanista, Petrarca – que apresenta como *paragon* a abelha, a recolher o néctar em todas as flores, que gozará da maior fortuna entre os teorizadores do Renascimento<sup>40</sup>.

As doutrinas estéticas da época favoreciam assim a permeabilidade de motivos, de temas na cultura ocidental. Além disso, o ensino nas escolas mantinha-os vivos e disponíveis, ao logo das gerações, convertia a sua exemplaridade técnica em tesouro comum e assegurava-lhes a perenidade. Reflexões semelhantes sobre a problemática da originalidade na criação literária ocorrem na pena de Petrarca, Poliziano, Leon Battista Alberti, Montaigne, Juan del Encina, Gil Vicente<sup>41</sup>. Desta consciência colectiva, no que se refere à falta de originalidade, não só na literatura didáctica, mas na obra puramente artística dá-nos conta de forma expressiva Juan del Encina, na sua *Arte de poesía*<sup>42</sup>:

No dudo nuestros antecesores aver escrito cosas más dinas de memoria [...] llegaron primero y aposentáronse en las mejores razones y sentencias: y si algo bueno nosotros dezimos, dellos lo tomamos. Quando más procuramos huyr de lo que ellos dixeron, entonces ymos a caer en ello. Por lo qual será forçado cerrar la boca o hablar por boca de otro.

Na verdade, quer se trate de poetas líricos, bucólicos, elegíacos, épicos ou dramáticos, ou mesmo autores em prosa, de novelas, romances de cavalaria, ou de obras didácticas, ou de filosofia, ao tratarem o mesmo tema, moldam-no de acordo com uma inspiração colectiva. Assim se pode falar, na produção literária europeia, não só em cânones estéticos, mas em temática renascentista. Serve de exemplo o tema do Amor no Renascimento, que repete o processo amoroso de Petrarca por Laura, a que servem de apoio poetas como Ovídio;

---

<sup>40</sup> Vide a carta de Petrarca dirigida a Boccaccio, em que emprega a metáfora senequiana da abelha, in *Lettere di Francesco Petrarca delle cose familiari libri ventiquattro* [...] por Giuseppe Fracassetti, 5 vol., Firenze, 1863-1865: III, p. 239-241. Petrarca, na linha de S. Jerónimo, preocupa-se com o verdadeiro sentido de uma adequada *imitatio* dos autores antigos – que estará na origem da famosa querela do ciceronianismo. Paradigmática do ecletismo humanista – que longe da imitação simiesca ciceroniana, afirma o direito à própria autenticidade e diferença – é a expressão de Poliziano, em carta dirigida ao ciceroniano Paolo Cortesi, que figura no livro VIII das *Epistolae in Garin* (1952) 902.

<sup>41</sup> Além da alusão feita ao pensamento dos autores referidos, ao longo deste estudo, são dignas de nota as palavras de Leon Battista Alberti: «oggi a chi voglia ragionarne resta altro nulla che solo raccoglierte e assortirle». Cf. Toffanin (1947) 234.

<sup>42</sup> Vide *Cancionero*, 1496, fol. 2, ed. fac-simile, *apud* Asensio (1974) 264.

ou a doutrina da melancolia, veiculada por Marsilio Ficino; ou a filosofia do amor dos diferentes tratadistas, a que deu contributo notável o judeu português Leão Hebreu. Assim as mesmas metáforas, as mesmas imagens, os mesmos *topoi* retóricos são repetidos por Sannazaro, Garcilaso, pelos autores portugueses desde Bernardim Ribeiro a Camões, sem esquecer os diferentes géneros, de que são exemplo expressivo a tragédia *Castro*, a comédia *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, o *Auto do Filodemo* de Camões, os autos de Gil Vicente. O mesmo se poderia dizer de outros temas e motivos, típicos da mentalidade e do discurso dos autores desta época, tais como: o mito da Idade do Ouro, o *carpe diem* horaciano, a *aurea mediocritas*, a instabilidade da Fortuna, a fragilidade das coisas humanas, a brevidade da vida, o poder cósmico do amor, o amor para além da morte, a vida cortada na flor da idade, e a morte sentida como um roubo à *gloria mundi*, o valor da glória, a verdadeira nobreza, a dicotomia armas e letras, o bom rei e o tirano, os trabalhos do rei que ecoam o *beatus ille* horaciano, a *uita aulica*, a adulação e a lealdade, a educação como segunda natureza, a enunciação das virtudes estóico-cristãs.

O conhecimento directo das obras da Antiguidade, de prosadores e poetas, a par de colectâneas de sentenças e sua assimilação traduz-se na permanente inserção do seu conteúdo na dinâmica criadora do texto literário. O pendor mimético do discurso humanista, manifestado sobretudo através da arte alusiva e dos *loci similes*, levaria Marcel Bataillon a afirmar que «no séc. XVI todo o livro corria o risco de se converter em miscelânea»<sup>43</sup>.

Apesar disso, dentro dos princípios aristotélicos do *verosímil* e do *decorum*, que as muitas edições comentadas da *Poética* do Estagirita fizeram reviver, o texto humanista impõe-se pela clareza da sequência discursiva, motivada e coerente, com as suas marcas enunciativas e originalidade própria.

Neste particular, um dado há a ter em conta: os textos do Humanismo renascentista, concebidos dentro de uma moldura retórica, apontam sempre para um horizonte de conhecimentos que está de acordo com as expectativas do público, verdadeira condicionante da sua recepção e influência<sup>44</sup>. Esse horizonte de conhecimentos repousava no mundo clássico, com o seu universo ético, fonte inesgotável que alimentava a torrente da cultura do tempo e em que bebia directamente a literatura de carácter sentencioso e paradigmático. Mas a fonte não explica a obra, pelo que não pode deixar de se pôr a questão das leituras possíveis de cada autor e das áreas temáticas para que aponta, definidoras da sua própria identidade literária. Esta sobressai na aceitação de

<sup>43</sup> Bataillon (1991) 678: «Au XVI siècle, d'ailleurs, tout livre courait le risque de se convertir en miscellanée».

<sup>44</sup> Vide Jauss (1978).

pontos de vista relativos, de perspectivas variadas, que admitem uma estrutura de múltiplas relações e tornam o texto policêntrico<sup>45</sup>.

Assim, o génio do autor está em transformar códigos e fórmulas estratificadas em literatura<sup>46</sup>.

É o caso da poesia de Ronsard que, apoiando-se, por exemplo, no *Florilégio* de Estobeu, serve-se de belos versos gregos e latinos, de citações consagradas, de ornamentos literários que denotam a influência directa dos antigos<sup>47</sup>. O mesmo se poderá dizer de Montaigne, que acumula referências dos autores clássicos, recolhidas um pouco por todo o lado, a que imprime um certo tom poético, sem impedir que o seu estilo se apresente cortado e denso, embora de uma densidade intelectual incomparável<sup>48</sup>. Aliás o conhecimento e a assimilação do saber da Antiguidade implicavam muitas vezes, nos diversos autores, não uma simples memorização e repetição de *loci communes*, mas uma reelaboração, uma reescrita, conscientemente assumida – «les paroles redictes ont, comme autre son, autre sens», dirá Montaigne<sup>49</sup> –, ou mesmo uma «argumentação pelo antimodelo», o «exemplo negativo», tão caro ao autor dos *Essais*, que confessa instruir-se melhor «par contrarieté que par exemple, et par fuite que par suite»<sup>50</sup>. É ele, no entanto, quem não deixa de encarecer a utilidade da citação, sempre disponível e textualizável na construção de um novo discurso: «Aille devant ou après, un' utile sentence, un beau traict est toujours de saison. S' il n' est pas bien à ce qui va devant, ny à ce qui vient après, il est bien en soy»<sup>51</sup>.

Também Rabelais, que no livro XIV de *Gargantua* ridiculariza o ensino memorizado e dogmático de inspiração medieval, no *Quart Livre*, reclama o indispensável «degel» das fórmulas gnómicas retiradas dos autores antigos – a linguagem deve «rendre son en degelant», especifica<sup>52</sup>.

Estes autores, como todos os seus contemporâneos, consideram a mensagem clássica como fonte inesgotável de saber, e mais ainda, como base

---

<sup>45</sup> A intertextualidade não foi alheia à estética da produção literária, desde a antiguidade clássica. Vide Conte (1986). No tocante à transcendência textual, que se prende à génese da moderna obra literária, são dignas de nota as palavras de Genette (1983) 40: «en transforme ou en imite (ce qui est une autre forme de transformer) une ou plusieurs autres: de pans entiers de la littérature universelle, de l' *Odyssée* (au moins) à nos jours [...], bricolages des formes et recyclage des sens (ou l' inverse) sont les deux mamelles de toute tradition».

<sup>46</sup> Vide Aguiar e Silva (1974) 23-33.

<sup>47</sup> Vide Weber (1955) 508 e sqq.; Py (1984).

<sup>48</sup> Vide e. g. Tournon (1983); Fumaroli (1984) 27 e sqq.

<sup>49</sup> Montaigne, *Oeuvres complètes*, ed. Paris, la Pléiade, Gallimard, 1962: *Essais*, III, 13, 1040.

<sup>50</sup> *Ibidem*, *Essais*, III, 8, 899 B. Sobre «a argumentação pelo antimodelo» e «o exemplo negativo», vide Perelman (1988) 123-126; Lyons (1989) 153.

<sup>51</sup> Montaigne, ed. cit., *Essais* I, 26, 169 C.

<sup>52</sup> Rabelais, *Oeuvres complètes* II, Paris, 1962, 202. Vide, a este propósito, Rigolot (1978) 277-286.

de reflexão crítica que a torna actual e dinâmica, capaz de dar o impulso natural ao pensamento, ao discurso individual.

A «retórica das citações», da reescrita, corrente entre os humanistas<sup>53</sup>, define também o estilo de um Frei António de Guevara, autor do *Libro de Marco Aurélio*, que divulga o pensamento estóico do imperador romano. Em 1529, um ano depois da edição princeps, esta obra sai publicada em Lisboa, nos prelos de Germão Galharde, com dedicatória a D. João III. Mais lida no séc. XVI do que a *Celestina*, gozava das preferências do pai de Montaigne, que nos *Essais* (II, 2) surgia caracterizado, nestes termos: «falava pouco e bem» e «era aficionado por Marco Aurélio».

Reveladora do conceito de originalidade, no século XVI, é a expressão de Montaigne (*Essais*, I, 26):

La vérité et la raison sont communes à un chacun, et ne sont non plus à qui les a dites premierement, qu'à qui les dict après. Ce n'est non plus selon Platon que selon moy, puisque luy et moy l'entendons et voyons de mesme.

Também prosadores portugueses da dimensão de um Frei Heitor Pinto, fizeram das suas obras um verdadeiro mosaico de citações<sup>54</sup>. Na *Imagem da vida cristã* as muitas sentenças retiradas dos autores pagãos encontram-se de parceria com as dos Padres da Igreja e da Sagrada Escritura. Apesar da sua preocupação por uma prosa artística, o autor se define a si próprio como um «tecelão»<sup>55</sup>:

Assi como o tecellão ajunta o fiado de diversas mãos tecido, & de muytos fios urde e tece a sua tea; assi eu ajuntarey a doctrina de diversos autores, & de muytas autoridades farey hua tea desta pratica.

Esta prática, mais não é do que o manifestar da abundante erudição do autor, que visa sobretudo fins didácticos. A obra impressa, com todo o seu prestígio, tinha vindo substituir no Renascimento a arte da memória e, numa aliança perfeita do *utile dulci* horaciano, imprimia ao humanismo a sua feição pedagógica e cívica.

O gosto pelo dito sentencioso, pela *brevitas* aforística, que iria exacerbar-se no conceptualismo barroco, leva à afirmação, no século XVI, do género epigramático, documentado na medalhística e no emblema

---

<sup>53</sup> Vide Meerhoff (1986) 184; Compagnon (1979); Cave (1979); Alves Osório (1990) 99-119.

<sup>54</sup> Vide Alves Osório (1977) 459-500.

<sup>55</sup> Cf. *Imagem da Vida Christam, ordenada per dialogos como membros de sua composiçam. Compostos per Frey Hector Pinto, frade ieronimo*. Nova edição, III vol., Lisboa, Na Typographia Rollandiana, 1843: II, 285.

– uma espécie de banda-desenhada *avant-la-lettre*. A originalidade do género emblemático, de que Alciato foi o criador, não passou despercebida na cultura e na literatura portuguesas onde numa espécie de «tradução intersemiótica», em sentido inverso, vai manifestar a sua influência em autores como Camões<sup>56</sup>.

A polissemia contida na linguagem figurativa, acompanhada de legenda epigramática, confina por vezes com o enigma, que ia ao encontro da sensibilidade humanista, voltada para o hermetismo e o sentido rebuscado e obscuro das coisas. Aliás a subtileza e argúcia necessárias ao seu perfeito entendimento conferiam um toque *aliquid elegans* à composição, pelo que se chegou a exagerar esta componente. Paralelamente, ganhava forma o gosto pelo paradoxo<sup>57</sup> e pela literatura de *rebus*, de *centões*, de acrósticos e anagramas, como estímulo ao espírito crítico, à ginástica mental e sobretudo como fuga ao vulgar<sup>58</sup>.

A concluir, apresentamos as palavras de Gil Vicente – na dedicatória ao rei D. João III da sua *Côpilaçam* de 1562 – expressivas do ideal de retórica e sabedoria no Renascimento. Ao admitir, ironicamente, que «antigos e modernos nam leixaram cousa boa por dizer, nem invençam linda por achar, nem graça por descobrir», defende o direito à originalidade pessoal – qual Cervantes, no prefácio de *Don Quixote* – e não se resigna a ser «eco nos vales que fala o que dizem, sem saber o que diz»<sup>59</sup>.

---

<sup>56</sup> Vide, entre outros motivos, a caracterização da “Fortuna”, em Camões. Em 1552, a pedido de Dom João de Meneses Sottomayor, Senhor de Cantanhede, o humanista de origem germânica Sebastião Stochamer, redigiu uns «sucintos comentários» ao Livro I dos *Emblemas* de Alciato, que foram incluídos em edições de 1556 e 1614. Vide Castro Soares (1993) 402. O criador da expressão «tradução intersemiótica» foi Roman Jakobson, para designar a adaptação de um texto escrito à criação artística – por exemplo à pintura, à arte cinematográfica –, de acordo com os novos códigos e linguagens (Cf. Jakobson (19662), 232-239: «Intersemiotic translation or *transmutation* is an interpretation of verbal signs by means of signs of nonverbal sign systems», p. 233). Nesta aceção, o próprio emblema é um exemplo de “tradução intersemiótica”, bem como as conhecidas tapessarias flamengas do Renascimento, inspiradas em motivos e *exempla* literários.

<sup>57</sup> Expressivo é o caso dos *Paradossi* de Ortensio Landi (Lyon, Pullondatrin, 1543) – a que o próprio autor dá uma *Confutatio del libro del Paradossi* –, que conhecem grande voga sobretudo a partir da tradução de Charles Estienne, *Paradoxes ou sentences débattues, et élégamment déduites contre la commune opinion, traité non moins plein de doctrine que de récréation pour toutes gens, revu et augmenté*, Lyon, par Jean Temporal, 1559 (no colofon: Lyon, par Nicolas Perrineau, 1561).

<sup>58</sup> Exemplo deste gosto é, nos dias de hoje, a designada poesia experimental portuguesa. Vide Hatherly, Melo e Castro (1981).

<sup>59</sup> A consciência do nada de novo à face da terra – que conduz ao intencional discurso poético «obscuro» de Herberto Helder – é tantas vezes expressa no discurso narrativo de Jorge Luis Borges (cf. «Utopia de un hombre que está cansado» in *Obras completas* II, Buenos Aires, 1989, 55): «Ya no nos quedan más que citas. La lengua es un sistema de citas». Expressiva, do ponto de vista da imagética literária, é a forma como Borges vê «A Francia» (*Historia de la noche, ibidem*, 194): «No diré la tarde y la luna: diré Verlaine/ No diré el mar y la cosmogonia: diré el nombre de Hugo/ No la amistad, sino Montaigne».

Numa palavra, a *imitatio* e a *aemulatio* dos autores clássicos na retórica escolar e na literatura de Quinhentos, tão intimamente ligadas, configuram a memória e a sabedoria, a essência do pensamento e da palavra, da *inuentio* e da *ars scribendi* de grandes vultos das letras europeias quinhentistas.



## BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR E SILVA, V. M., «O texto literário e os seus códigos», *Colóquio/Letras* 21, 1974, 23-33.
- ALLEN, P. S.; ALLEN, H. M., GARROD, H. W., eds., *Correspondance d' Erasme*. Édition intégrale. Traduite et annotée d'après l' *Opus Epistolarum*, Paris, Gallimard, 1967.
- ALVES OSÓRIO, J., «Diálogo e citação nos “Colóquios” de Erasmo», *Humanitas* 41-42, 1990, 99-119.
- , «Entre a tradição e a inovação. Sá de Miranda na esteira de Garcilaso: em torno do debate poético da Écloga “Alejo”», *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas*, II série, 1, 1985, 61.
- , «Frei Heitor Pinto, leitor da *Menina e moça*», *Biblos* 53, 1977, 459-500.
- ASENSIO, E., *Estudios portugueses*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- BATAILLON, M., *Erasme et l' Espagne. Recherches sur l' histoire spirituelle du XVI<sup>e</sup> siècle*, texte établi par D. Devoto, édité par C. Amiel, Genève, Droz, 1991.
- BELL, A., *Damião de Góis*, Lisboa, Editorial Império, 1942.
- BRUYÈRE, N., *Méthode et dialectique dans l' oeuvre de La Ramée - Renaissance et âge classique*, Paris, Vrin, 1984.
- CARVALHO, A. de (rev.), *Schola Aquitanica. Regulamento de estudos de André de Gouveia, publicado em Bordéus por E. Vinet*, Coimbra, [s.n.], 1941.
- CASTRO SOARES, N. N., «A literatura de sentenças no Humanismo Português: *res et uerba*» in *Humanismo Português na época dos Descobrimentos*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1993, 377-410.
- , *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, INIC, 1994.
- , «Humanismo e Pedagogia», *Humanitas* 47, 1995, 799-844.
- CAVE, T., *The cornucopian text, problems of writing in the French Renaissance*, Oxford, University Press, 1979.
- CHOMARAT, J., *Grammaire et rhétorique chez Erasme*, Paris, Les Belles Lettres, 1981.
- COMPAGNON, A., *La seconde main ou le travail de citation*, Paris, Seuil, 1979.
- CONTE, G. B., *The Rhetoric of Imitation. Genre and poetic memory in Virgil and other Latin poets*, Ithaca/London, Cornell University Press, 1986.

- DAINVILLE, F., *La naissance de l'Humanisme moderne*, Paris, Beauchesne, 1940.
- FERRAU, G., «L'égloga *In violas* di Angelo Poliziano» in *I classici nel Medioevo e nell'Umanesimo. Miscellanea Filologica*, Genova, Istituto di filologia classica e medievale, 1975, 134-135.
- FUMAROLI, M., «Michel de Montaigne ou l'éloquence du for intérieur» in J. Lafond, ed., *Les formes brèves de la prose et le discours discontinu (XVI<sup>e</sup> - XVII<sup>e</sup> siècles)*, Paris, 1984, Vrin, 27-50.
- GARIN, E., ed., *Prosatori latini del Quattrocento*, Milano/Napoli, Riccardo Ricciardi Editore, 1952 (reimpr. Torino, 1977).
- GENETTE, G., «Transtextualités», *Magazine littéraire* 192, 1983, 40-41.
- GRAFTON, A., «Teacher, text and pupil in the Renaissance Class-room: a case study from a Parisian College», *History of universities* 1, 1981, 37-70.
- GUTHRIE, W. K. C., *A History of Greek Philosophy III – The fifth-century enlightenment*, Cambridge, University Press, 1969.
- HATHERLY, A., MELO E CASTRO, E. M. de, *Po-Ex. Textos teóricos e documentos da poesia experimental portuguesa*, Lisboa, Moraes Editores, 1981.
- HOFFMANN, G., «Fonder une méthode à la Renaissance. Montaigne et ses professeurs de philosophie, Grouchy et Sylvius. II. *Distinguo*: l'apport de Sylvius», *Bulletin de la Société des Amis de Montaigne* 25-26, 1991, 45-60.
- JAKOBSON, R., «On linguist aspects of translation» in R. A. Brower, ed., *On translation*, New York, Harvard University Press, 1966<sup>2</sup>, 232-239.
- JARDINE, L., «Distinctive disciplina: Rudolph Agricola's influence on methodical thinking in the humanities» in F. Akkerman, A. J. Vvanderjagt, eds., *Rudolphus Agricola Phrisius (1444-1485). Proceedings of the International Conference at the University of Groningen (28-30 October 1985)*, Leiden, E. J. Brill, 1988, 38-57.
- JAUSS, H. R., *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard, 1978.
- KENNEDY, G., *Classical Rhetoric and its Secular and Christian tradition from Antiquity to Modern Times*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1980.
- LAUSBERG, H., *Elementos de retórica literária*, tr. port., int. de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972<sup>2</sup>.
- LAUVERGNAT-GAGNIÈRE, C., *Lucien de Samosate et le Lucianisme en France au XVI<sup>e</sup> siècle. Athéisme et polémique*, Genève, Droz, 1988.

- LECLERC, J., Hrsg., *Erasmus. Opera omnia*, Leiden, P. Vander Aa., 1703.
- LECOINTE, J. *L' idéal et la différence. La perception de la personnalité littéraire à la Renaissance*, Genève, Droz, 1993.
- LYONS, J. D., *Exemplum*, New Jersey, Princeton University Press, 1989.
- MEERHOFF, K., «Agricola et Ramus – dialectique et rhétorique» in *Rodolphus Agricola Phrisius (1444-1485). Proceedings of the International Conference at the University of Groningen*, Leiden, E. J. Brill, 1988, 270-280.
- , *Rhétorique et poétique au XVIe Siècle en France. Du Bellay, Ramus et les autres*, Leiden, E. J. Brill, 1986.
- MELEUC, S., «Structure de la maxime», *Langages* 13, 1969, 69-99.
- MESNARD, P., «The pedagogy of Johann Sturm (1507-1589) and its Evangelical Inspiration», *Studies in the Renaissance* 13, 1966, 200-219.
- MICHEL, P., ed., *Rabelais. Tiers Livre*, Paris, Garnier, 1962.
- MONTAIGNE, *Oeuvres complètes*, Paris, La Pléiade, Gallimard, 1962.
- NEWLANDS, C. (trans.), MURPHY, J. J. (int.), *Arguments in rhetoric against Quintilian*. Translation and text of Peter Ramus' *Rhetoricae distinctiones in Quintilianum (1546)*, Dekalb-Illinois, Northern Illinois University Press, 1986.
- ONG, W. J., s.j., «Ramus éducateur – Les procédés scolaires et la nature de la réalité» in *Pédagogues et Juristes IV*, Paris, Vrin, 1963, 207-221.
- PENDERGRASS, J. N., ed., *Correspondance d' Antoine Arlier, humaniste Languedocien (1527-1545)*, Édition critique du Ms. 200 (761-R.132) d' Aix-en -Provence, Genève, Droz, 1990.
- PERELMAN, C., *L' empire rhétorique. Rhétorique et argumentation*, Paris, Vrin, 1988.
- PORTEAU, P., *Montaigne et la vie pédagogique de son temps*, Paris, E. Droz, 1935.
- PY, A., *Imitation et Renaissance dans la poésie de Ronsard*, Genève, Droz, 1984.
- RABELAIS, F., *Oeuvres complètes*, ed. P. Jourda, Paris, Garnier, 1962.
- REYES, G., *Polifonia textual. La citación en el relato literario*, Madrid, Gredos, 1984.
- RIGOLOTT, F., «Sémiotique de la sentence et du proverbe chez Rabelais», *Études rabelaisiennes* 14, 1978, 277-286.

- SCAGLIONE, A., «The Humanist as Scholar and Politian's conception of the "Grammaticus"», *Studies in the Renaissance* 8, 1961, 49-70.
- SIMONDON, M., *La mémoire et l'oubli dans la pensée grecque jusq' à la fin du V<sup>e</sup> siècle avant J.-C.*, Paris, Les Belles Lettres, 1982.
- TOFFANIN, G., *Storia del umanesimo*, Bologna, Nicola Zanichelli, 1947.
- TOURNON, A., *Montaigne: la glose et l'essai*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1983.
- VILLEY, P., *Les sources d'idées: texts choisis et commentés*, Paris, Plon, 1912.
- WEBER, H., *La création poétique au XVI<sup>e</sup> en France de Maurice Scève à Agrippa D'Aubigné*, Paris, Librairie Nizet, 1955.
- YATES, F. A., *L'art de la mémoire*, trad. de l'anglais par D. Arasse, Paris, Gallimard, 1975.